

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

11

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

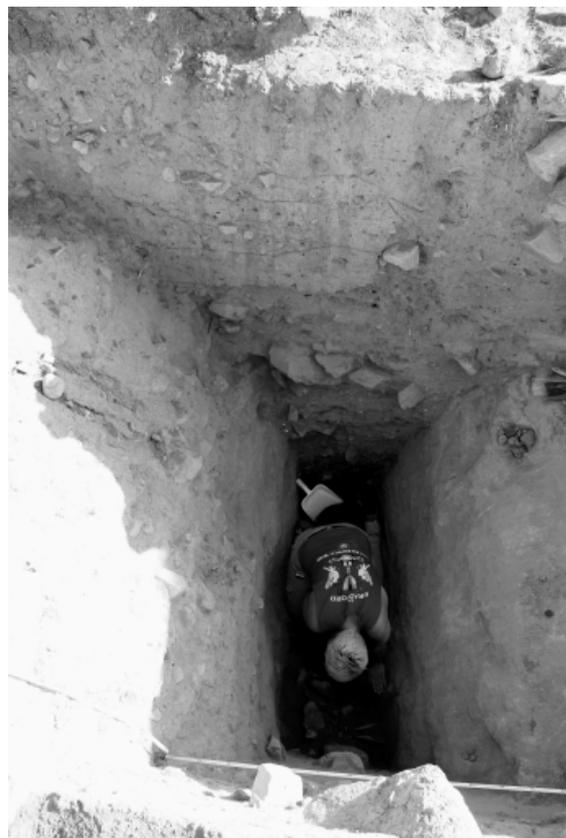
APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

11

ABRIL

2016



ÍNDICE

EDITORIAL 07

António Carlos Valera
NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM
RECIPIENTE DOS PERDIGÕES 09

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão
ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA
QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) 13

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel
A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO
MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E
SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA 21

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho
A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS
MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO
COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES
(REGUENGOS DE MONSARÁZ) 33

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia
A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA
(BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES
E PERSPECTIVAS FUTURAS 47

Rui Ramos
QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2:
UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA 53

Elisa de Sousa e Marina Pinto
A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA
DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL):
NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS
NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO 59

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão
LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS
INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA
RUA DA MADALENA69



EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despreziosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

António Carlos Valera

A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)¹

Margarida Mendonça ²
António Faustino Carvalho ³

Resumo:

Neste trabalho apresentam-se os resultados da análise tecnológica e classificação tipológica realizadas sobre a componente de pedra lascada dos Monumentos Funerários 1 e 2 do Complexo Arqueológico dos Perdigões, ambos datados do segundo quartel do III milénio a.C. Entre outros aspetos, foi possível observar a exclusividade de peças acabadas (lâminas, pontas de seta e grandes foliáceos), parte significativa das quais fabricada com matérias-primas exógenas (sílex, calcário oolítico silicificado), indicando assim a integração deste complexo em redes de contacto a longa distância. Verificou-se também que parte das oferendas funerárias foi deliberadamente fabricada para este fim (é o caso das pontas de seta em xisto).

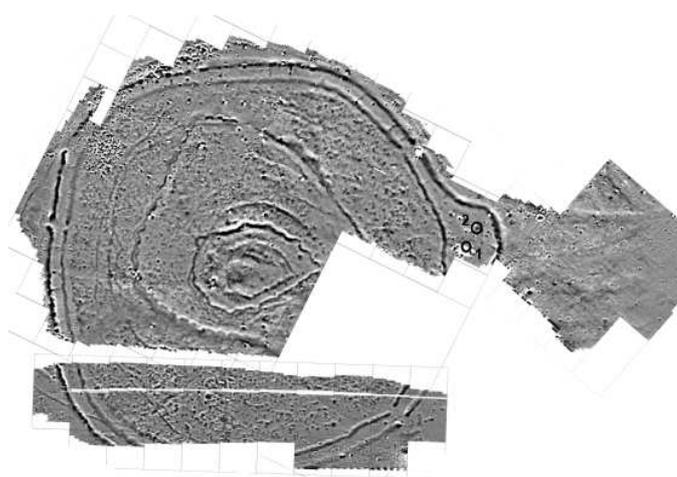
Abstract:

Knapped stone materials from the funerary monuments 1 and 2 of Archaeological Complex of Perdigões (Reguengos de Monsaraz)

In this work the results of technological analysis and typological classification of knapped stone tools from the Funerary Monuments 1 and 2 of the Archaeological Complex of Perdigões are presented. Both contexts are radiocarbon dated to the second quarter of the 3rd millennium BC. Among other aspects, it was possible to observe that finished tools are exclusive in the assemblage (blades, arrow points and larger foliates), being most of them made with exogenous raw materials (flint, silicified oolitic limestone), thus integrating this complex in long-distance networks. It was also observed that part of the grave goods was specifically made to this purpose (this is the case of schist arrow points).

1. Introdução

A investigação cujos resultados se apresentam neste texto teve lugar como parte integrante do Programa Global de Investigação dos Perdigões estabelecido em 2008, mais especificamente na linha de investigação dedicada ao estudo dos ambientes funerários que então se designou por Produções Líticas nos Perdigões. Portanto, o seu objetivo principal foi o estudo de uma componente particular das oferendas funerárias: a pedra lascada. Este estudo acabaria por incidir unicamente nos materiais exumados dos Monumentos Funerários 1 e 2 — doravante designados abreviadamente por MF1 e MF2 — e resultar na elaboração de uma dissertação de mestrado apresentada em 2012 à Universidade do Algarve (Mendonça, 2012).



¹ Trabalho integrado no âmbito do Programa Global de Investigação dos Perdigões (INARP).

² Investigadora independente (gduxa@hotmail.com).

³ Universidade do Algarve, FCHS, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro (afcarva@ualg.pt).

Figura 1 – Localização dos Monumentos Funerários 1 e 2 no conjunto do Complexo Arqueológico dos Perdigões (no magnetograma segundo Valera *et al.* 2014).

Os MF1 e MF2 do complexo arqueológico dos Perdigões localizam-se no limite Este do recinto de onde deriva o topónimo, num sector que terá sido especificamente selecionado para o efeito e demarcado fisicamente através de um alargamento do perímetro do seu fosso exterior, que criou um espaço interno (entre aquele fosso e o segundo) de planta semicircular onde se encontram os monumentos funerários objeto de estudo (Fig. 1). A prospeção superficial deste sector revelou um terceiro sepulcro — que foi objeto apenas de remoção do nível superficial remexido e de delimitação do seu perímetro (Valera et al., 2007) — e a existência de outros em número indeterminado, provavelmente quatro. Esta localização particular dos sepulcros coincide com o eixo que, partindo do centro do recinto de fossos, coloca com a mesma orientação o recinto menírico (que também existe neste local) e, no território em frente, o vale da ribeira do Álamo e o monte de Monsaraz. Este posicionamento, que não é casual, deverá estar relacionado com o tradicional simbolismo neolítico atribuído aos quadrantes onde o sol nasce.

De acordo com os dados de terreno obtidos durante a sua escavação (que decorreu entre 1997 e 2006), os MF1 e MF2 são sepulcros soterrados, com paredes construídas através da aplicação de lajes de xisto na vertical, e com uma superestrutura original cuja natureza e técnica construtiva não se encontra ainda hoje cabalmente esclarecida, uma vez que não existem vestígios de derrubes de falsas cúpulas de pedra nem evidências de outro tipo de cobertura, facto que arquitetonicamente afasta estes sepulcros das tholoi clássicas. Um conjunto de oito determinações de radiocarbono (quatro para cada monumento funerário), obtidas a partir de restos humanos, indicou um período de utilização de ambos os sepulcros compreendido entre cerca de 2800 e 2500 cal BC (Valera et al., 2014), ou seja, em torno do segundo quartel do III milénio a.C.

Entre as oferendas funerárias exumadas contam-se, para além da pedra lascada objeto de análise neste trabalho, recipientes em cerâmica, raros objetos em metal (mas entre os quais se incluem folhas de ouro), conchas de diversas espécies marinhas, artefactos muito variados sobre matéria dura de origem animal (placas e caixas decoradas, lúnulas, pentes, ídolos, figurinhas antropomórficas e zoomórficas, etc.), e elementos de adorno pessoal. Neste último conjunto, a presença de conchas de espécies marinhas com origem no litoral atlântico (Valera et al., 2007), contas fabricadas em variscite proveniente da jazida de Pico Centeno, no sector noroeste da província espanhola de Huelva (Odrizola et al., 2010), e marfim de elefante africano (Valera et al., 2015), indicam a existência de redes de troca a longa, ou mesmo muito longa, distância (para uma síntese e discussão das suas implicações, ver Valera, s.d.). É neste capítulo que se deve incluir a verosímil identificação de calcário oolítico silicificado entre o material lítico ora estudado (Mendonça, 2012), cuja análise será retomada nas conclusões.

O estudo do talhe da pedra nos Perdigões teve início logo aquando da preparação da sua primeira publicação (Lago et al., 1998). Com efeito, esse artigo incluiu duas secções distintas sobre este tema: uma sobre os conjuntos do Sector

3 provenientes de unidades estratigráficas não afetadas pela surribea que remexeu os estratos superiores do sítio (Almeida, 1998); outra sobre a análise dos materiais exumados no ano de 1997 no MF1 (Carvalho, 1998), onde foi possível no entanto estabelecer já algumas pautas mais gerais dos padrões que viriam a ser obtidos no estudo mais completo realizado no âmbito da tese de mestrado a que se fez referência acima (Mendonça, 2012). Apesar de nesta última se ter procedido também à distribuição espacial dos artefactos líticos no interior de ambos os sepulcros e de se ter realizado uma integração comparativa com os dados disponíveis para o Calcolítico do Sudoeste, partindo em grande medida dos trabalhos do casal Leisner (1951), o objetivo do presente texto é, essencialmente, o de providenciar uma base tecnopológica das duas grandes categorias líticas — os produtos alongados (lâminas e lamelas) e as peças foliáceas (pontas de seta e grandes bifaces) — que compõem o conjunto. Esta base tecnopológica poderá servir como modelo de partida para estudos sobre estas classes tipológicas que se venham a realizar no futuro no Complexo Arqueológico dos Perdigões ou noutras realidades calcolíticas similares da região alentejana.

2. Produção laminar

No total, inventariam-se 98 suportes alongados provenientes de ambos os sepulcros, os quais correspondem a 90 lâminas e oito lamelas (cuja separação se fez a priori através do critério convencional dos 12 mm de largura), com a distribuição por matéria-prima e por sepulcro que se podem observar na Tabela 1.

2.1. Matérias-primas

Neste domínio da classificação das matérias-primas, há que referir que as propostas avançadas partiram de análises macroscópicas das peças, tendo a litologia das mesmas sido definida a partir de observação diretamente a olho nu ou com recurso a lupa binocular. Isto significa que haverá inerentemente uma margem de erro, conquanto indeterminável, mas que se pode considerar agravada pelo elevado grau de alteração que algumas peças apresentam.

Ambos os sepulcros revelaram maioritariamente conjuntos de sílex (MF1=60,4%; MF2=66,7%), em que uma parte corresponderá a sílex oolítico (ver conclusões), seguidos pelo cherte (MF1=9,3%; MF2=8,3%) e quartzo hialino (MF1=8,3%; MF2=8,2%), a que se juntam outras matérias-primas representadas por percentagens ainda mais reduzidas, tais como o anfíbolito (2,3%), o diorito (2,3%) e o jaspe (1,2%)¹. A alteração que se observa nalgumas peças (cerca de 16,5%, no conjunto dos dois sepulcros) manifesta-se num aumento significativo da porosidade da rocha (por vezes abrindo fissuras), na diminuição do seu peso e, sobretudo, na alteração das suas colorações originais, que

¹ Trata-se da matéria-prima por vezes (erroneamente) designada por “xisto jaspóide” na literatura arqueológica portuguesa como, por exemplo e desde logo, no primeiro estudo sobre os materiais líticos destes monumentos funerários (Carvalho, 1998).

se homogeneizaram em tons variando entre o bege esbranquiçado e o amarelo pálido. Este processo inicia-se claramente de fora para dentro, como atestam algumas peças cujo miolo apresenta cores e texturas diferentes das zonas mais superficiais, mas mais próximas da litologia original. As causas específicas destas alterações parecem poder resultar principalmente de exposição a temperaturas mais ou menos elevadas, resultando na calcinação superficial das peças; assinala-se, a este respeito, que os processos deverão ter sido similares em ambos os sepulcros, pois não se observaram diferenças a este nível entre os materiais de um e outro.

Considerando o tipo de contexto em estudo — ambientes funerários onde diversas práticas e rituais terão tido lugar — é possível elencar tentativamente duas explicações para a presença de tais alterações. A primeira seria a realização de fogos de higienização e/ou rituais realizados no interior dos sepulcros, como foi já observado em outros locais do mesmo período. No entanto, constatou-se durante a escavação destes sepulcros que “relativamente ao fogo, praticamente não existem sinais verificáveis nos ossos ou em qualquer categoria de artefactos” (Valera et al., 2000: 96), o que obriga a afastar esta hipótese, tal como formulada. Com efeito, e acordo com os mesmos autores, os indícios da prática de fogo no MF1 resumem-se a uma estrutura de barro e restos de terra queimados identificados no átrio. Acresce a este óbice o facto de não se terem reconhecido evidências semelhantes no MF2 e de apenas uma quantidade muito reduzida de pontas de seta — MF1=27 (9,5%), MF2=2 (2%) — se apresentar com o mesmo tipo de alterações.

Porém, tratando-se de deposições funerárias secundárias em ambos os sepulcros, é plausível avançar uma segunda explicação: a de que os objetos possam ter sido deslocados do seu local de deposição primária, acompanhando os restos ósseos, e que o processo de alteração mineralógica observada possa ter ocorrido nesse/s local/is exterior/es, e não no interior dos monumentos funerários de onde viriam a ser exumados em escavação. E, de facto, o modelo interpretativo geral que tem vindo a ser proposto para as práticas funerárias e rituais que teriam lugar no Complexo Arqueológico dos Perdigueiros (Valera et al., 2014) autoriza que se contemple esta hipótese como a mais provável (ver conclusões).

2.2. Morfologia e tecnologia

No que concerne às características dimensionais desta classe artefactual (Tabela 2), os cálculos sobre o comprimento limitam-se a 18 lâminas e sete lamelas, as únicas inteiras no MF1, e a uma lâmina e uma lamela intactas do MF2, o que condiciona as ilações a retirar.

Quanto à largura e espessura, atributos que se podem quantificar em todas as peças independentemente do seu estado de fragmentação, o primeiro facto a destacar é a tendência para as grandes dimensões. Como se pode verificar no cálculo das dimensões médias, estamos perante um conjunto laminar robusto que não foge aos padrões

morfométricos obtidos noutros locais da mesma época. Porém, no que respeita ao comprimento, o elevado desvio-padrão obtido para o MF1 sugere que a produção laminar parece não ter obedecido a uma normalização dimensional, conquanto o reduzido número de peças possa estar a enviesar os resultados obtidos.

Através do cruzamento dos dados do comprimento e respetivas larguras estabeleceram-se padrões métricos numa tentativa de sintetizar essa variabilidade dimensional em agrupamentos naturais. A definição de “lâmina muito grande”, avançada por Pelegrin (2006), serviu apenas para determinar o comprimento do Grupo I, enquanto os restantes não seguiram qualquer critério já publicado e resultam diretamente das dimensões observadas nestes dois conjuntos. Assim sendo:

- O Grupo I integra os suportes que superam os 20 cm de comprimento e os 2,2 cm de largura. No MF1, existem três lâminas que se encaixam nestes critérios; o MF2 dispõe apenas de um exemplar inteiro (20,08 cm × 3,37 cm) e um fragmento cujas dimensões (5,24 cm × 1,25 cm) deixam entrever uma peça de dimensões semelhantes.
- O Grupo II, ou “lâminas grandes”, engloba peças entre os 14 cm e os 20 cm de comprimento. Apresenta, como no grupo anterior, larguras superiores aos 2,2 cm, se se exceparem três lâminas com larguras de 2,09 cm, 2,04 cm e 1,48 cm, respetivamente. O MF1 revelou oito peças pertencentes a este grupo.
- O Grupo III engloba as “lâminas médias”, que apresentam entre 6 cm e 14 cm de comprimento, mas com larguras inferiores a 2,2 cm. No MF1, existem nove peças com estas características.

No MF1, cinco fragmentos laminares são remontáveis entre si, e no MF2 apenas dois. Os vários tipos de fracturação observados (nestas e nas restantes peças) indicam que em ambos os sepulcros está representada principalmente a flexão, com 21 exemplares (32,8%) no MF1 e quatro (40%) no MF2. No entanto, estas conclusões devem ser apreendidas com reservas, pois a fracturação observada pode ter sido resultado de perturbações várias, como a pressão e/ou revolvimento das terras, o colapso das estruturas e/ou o pisoteamento, e não de procedimentos técnicos intencionais. Em segundo plano, surgem evidências para fragmentação através de percussão, com três (4,7%) no MF1 e também três (30%) no MF2, estas indubitavelmente associadas a intencionalidade.

No que se refere à distribuição do tipo de talão (Tabela 3), registaram-se no MF1 — o único sepulcro que forneceu peças em número suficiente para tecer considerações quantitativas — valores bastante equilibrados entre talões facetados (n=9; 22,5%) e hiperdiedros (n=8; 20%), aos quais se seguem os talões lineares, lisos e diedros (n=3; 7,5% em cada categoria). Em ambos os sepulcros foi também possível observar alguns casos a remoção

intencional do talão, apresentando estas peças sinais sugestivos de uso como percutores nas extremidades proximais assim obtidas. Trata-se de remoções parciais — MF1=1 (2,5%), MF2=1 (20%) — ou totais (MF1=4; 10%), na maioria das vezes obtidas através de truncatura, como se pode observar num dos exemplares da Figura 2.

É importante assinalar-se a presença, aliás com valores percentuais muito significativos, do que apelidamos “talões hiperdiedros” (Fig. 3). Com efeito, a sua presença nestes contextos do III milénio a.C. parece testemunhar a prática do talhe por pressão recorrendo a compressores com ponta de cobre, se se atender às experimentações levadas a cabo por Pélègrin e Morgado (2007; Pélègrin, 2006). De acordo com estes autores, esta morfologia particular de talão (que designam também por “diedro agudo”) resulta das tarefas de formatação dos núcleos tendo em vista a obtenção de suportes muito normalizados e de grandes dimensões (com comprimentos superiores a 20 cm). Consequentemente, temos assim evidência, neste aspeto também, de processos de importação de material silicioso produzido em oficinas de talhe especializadas.

No que diz respeito à morfologia geral dos produtos laminares (Figs. 4 e 5), foi possível observar uma série de regularidades recorrentes em ambos os conjuntos (mas visíveis principalmente no MF1 dado possuir uma amostra mais representativa), que se podem sintetizar do seguinte modo:

- no MF1, predominam as secções transversais de geometria trapezoidal (n=59; 68,6%) face às de secção triangular (n=17; 19,7%); no outro monumento, os valores são bastantes equilibrados, tendo as peças de secção trapezoidal uma percentagem ligeiramente inferior (n=5; 45,5%) às triangulares (n=6; 54,5%).
- a morfologia longitudinal das peças (observável apenas nos produtos inteiros) indicou valores muito equilibrados entre perfis côncavos (n=4; 26,6%), ultrapassados (n=4; 26,6%) e direitos (n=7; 46,6%) no MF1, tendo-se ainda podido constatar a presença de fenómenos de ultrapassagem em pelo menos oito peças (p. ex., Fig. 4). No MF 2, existe apenas uma peça inteira também com perfil ultrapassado.
- em ambos os sepulcros predominam as lâminas de bordos paralelos — n=25 (71,4%) no MF1; n= (62,5%) no MF2 — sendo que uma parte dessas peças (20% no MF1 e 37,5% no MF2) têm talões mais estreitos que o corpo das peças;
- as nervuras das lâminas são, na sua maioria regulares (ou seja, paralelas entre si), tanto no MF1 (n=60; 80%) como no MF2 (n=10; 90,9%).

Por seu lado, no grupo das lamelas, as suas dimensões médias oscilam entre os 0,53 ± 0,11 cm de largura e os 0,13 ± 0,60 cm de espessura, e o comprimento apresenta uma

média de 2,05 ± 0,60 cm, com um limite mínimo de 1,12 cm e um máximo de 2,86 cm. Dado que a amostra lamelar é muito reduzida (Tabelas 1 e 2), não foi possível estabelecer um cruzamento de dados tão seguro como o realizado com as lâminas. No entanto, pode salientar-se que os talões são maioritariamente facetados (n=4; 10%), aos quais se seguem os lineares e lisos (n=1; 2,5% em cada categoria), sendo de registar a inexistência de talões hiperdiedros neste grupo. Os perfis são sobretudo côncavos (n=3; 50%), seguindo-se os ultrapassados (n=2; 33,4%) e os direitos (n=1; 16,7%). As secções transversais são sobretudo trapezoidais (n=6; 85,7%). Em termos de morfologia geral, predominam as peças com bordos paralelos e talão mais estreito no MF1 (n=6; 85,7%); no MF2, a única lamela existente possui forma biconvexa.

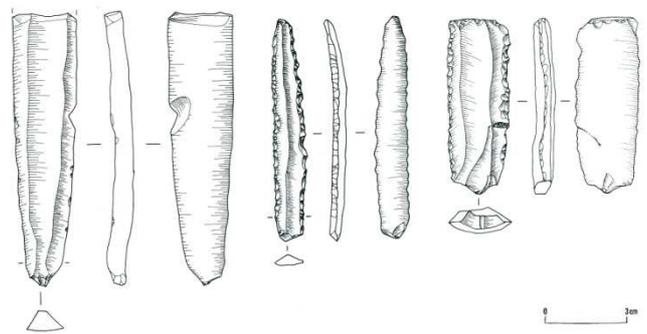


Figura 2 – Lâminas de sílex. A terceira peça foi segmentada através de truncatura..



Figura 3 – Lâminas de sílex com talões hiperdiédricos.

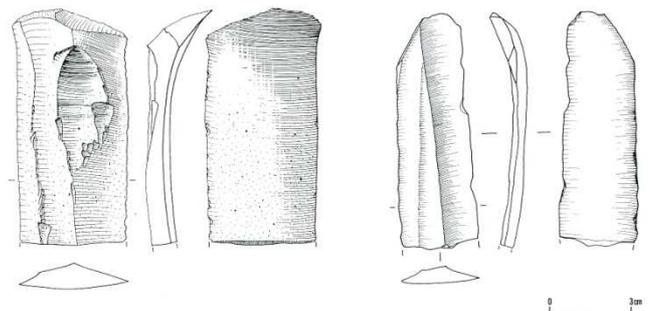


Figura 4 – Lâminas de sílex robustas.

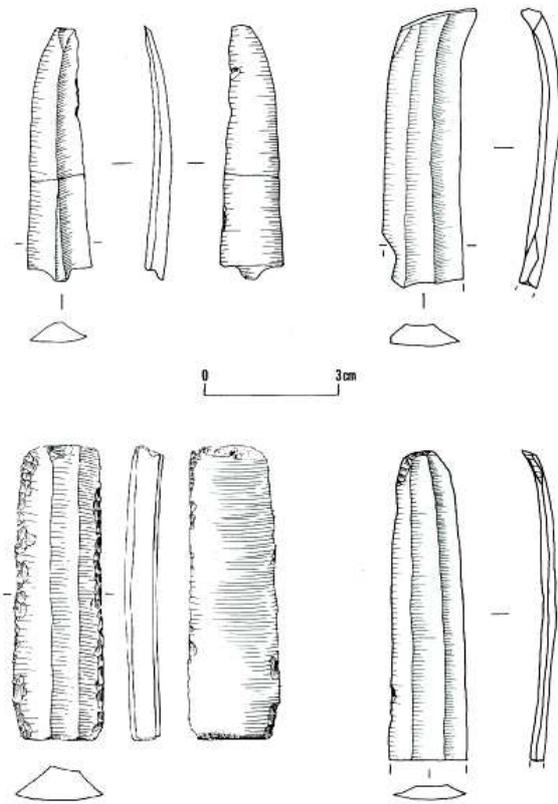


Figura 5 – Lâminas de sílex.

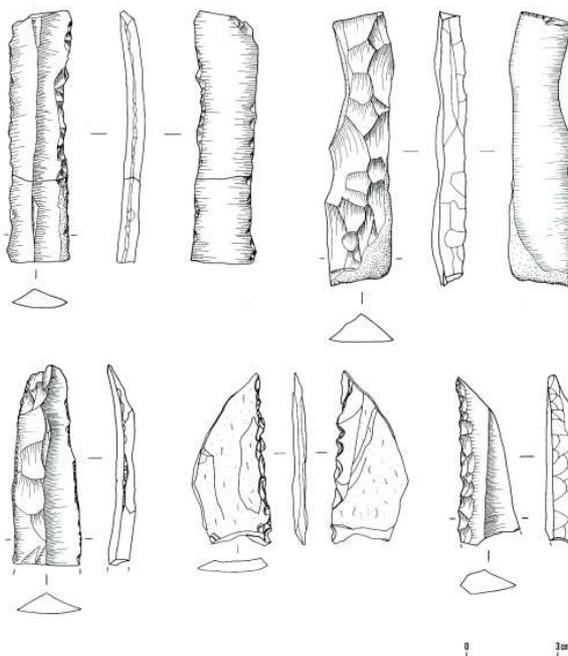


Figura 6 – Lâminas de sílex e denticulados (a peça do canto superior direito é uma lâmina de crista e a peça do meio na fila inferior é em xisto).

2.3. Análise tipológica

A maioria das lâminas e lamelas destes sepulcros dos Perdigões apresenta-se retocada, tanto no MF1 como no MF2².

No primeiro sepulcro, uma das peças pode ser classificada como “faca” e as restantes apresentam retoques contínuos ou descontínuos, entalhes, ou ainda denticulados (Fig. 6).

A referida “faca” é em sílex acastanhado semitranslúcido com inclusões beges ou esbranquiçadas. Os bordos são paralelos na maior parte da sua extensão, mas convergem na ponta por aplicação de retoque semiabrupto no anverso e invasor na face inferior. Ambos os gumes apresentam retoque marginal, com sinais evidentes de utilização denunciados pela presença de estrias e pátina de utilização nos gumes, estendendo-se até às nervuras.

Em 72 efetivos laminares, a larga maioria apresenta retoques marginais contínuos (n=53; 73,6%); de seguida vêm as lâminas com entalhes (n=13; 18,1%) e, por último, os denticulados (n=4; 5,5%). A “faca” representa 1,4% da amostra, assim como a única truncatura sobre lâmina existente. Três lâminas possuem retoque abrupto. Existem ainda três fragmentos mesiais de peças de crista (parcialmente corticais) com retoque marginal contínuo. Entre as lâminas há ainda uma peça alongada, em jaspe, com retoque invasor bifacial. O suporte apresenta-se muito irregular, o que exclui uma produção de tipo prismático. Apresenta uma largura máxima de 2,36 cm e uma espessura de 0,61 cm.

No MF 2 verifica-se uma situação semelhante: 81,8% (n=7) das 11 lâminas recolhidas têm retoque marginal contínuo, a que se juntam uma lâmina com entalhe (9,1%) e uma truncatura sobre lâmina (9,1%).

No que respeita às lamelas, no MF1 estas seguem praticamente o padrão das lâminas, pois quatro (57,2%) apresentam retoques marginais contínuos e as restantes três (42,8%) são lamelas com entalhes. No MF2, o único exemplar lamelar também tem retoque marginal contínuo.

3. Produção de foliáceos (pontas de seta e bifaces de grandes dimensões)

Quanto aos foliáceos, o conjunto analisado totalizou 381 peças (Tabela 1), uma vez que se decidiu formalmente incluir nesta categoria ampla duas tipologias principais: pontas de seta e peças bifaciais de grandes dimensões. Do MF1 foram estudadas 285 pontas de seta e três grandes bifaces; no MF 2, os exemplares estudados consistiram em 93 pontas de seta.

² Nestas considerações não estão incluídas sete lâminas que se encontravam em exposição no Museu Arqueológico do Complexo dos Perdigões à data de realização deste estudo, pois não foi possível proceder à classificação do retoque que apresentam.

3.1. Pontas de seta

As matérias-primas utilizadas no fabrico das pontas de seta de ambos os sepulcros são, segundo a análise macroscópica realizada para os restantes materiais líticos (ver acima) e por ordem decrescente de representatividade (Tabela 1), o cherte, o xisto, o sílex, o jaspe e o quartzo hialino. A individualização do jaspe baseou-se na forte tonalidade vermelha que apresenta esta matéria-prima.

Em termos quantitativos, como se pode ver nos gráficos da Figura 2, a maior parte das pontas de seta foi elaborada em cherte, com 126 (44,2%) e 49 (52,7%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente. O xisto surge em segundo plano, com 112 (39,3%) e 28 (30,1%) exemplares, respetivamente. O sílex, por seu turno, surge em quantidades inferiores, muito provavelmente devido ao facto de ser uma rocha exógena à região. Por outro lado, a presença de quartzo hialino é negligenciável (um único exemplar no MF1), não obstante ser talvez de aprovisionamento local. Os valores apresentados pelo jaspe — 24 (8,4%) e nove (9,7%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente — são os que mais se aproximam dos do sílex.

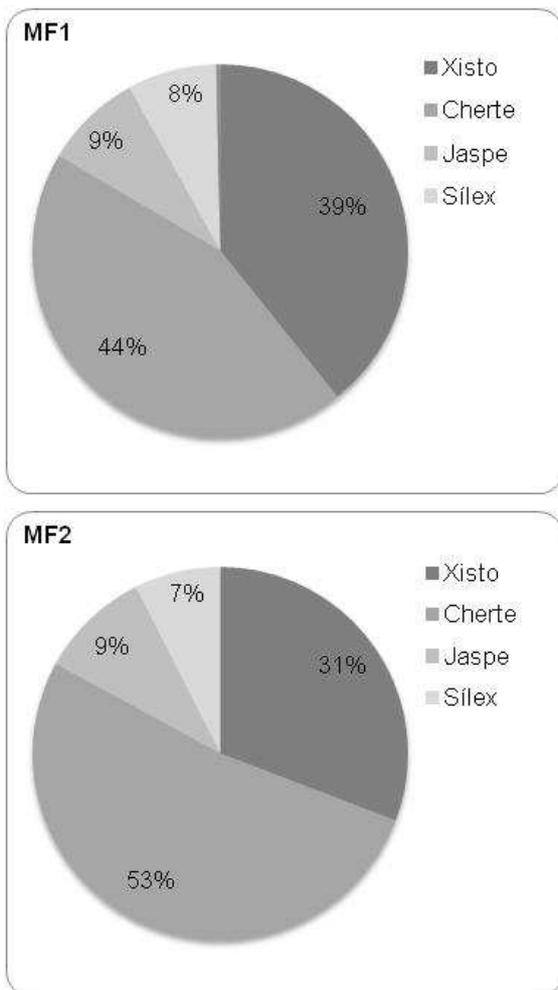


Figura 7 – Variação das rochas utilizadas no fabrico de pontas de seta, por monumento funerário.

Quanto aos padrões de fragmentação, verificou-se uma similitude entre ambos os sepulcros. No MF1, 56,2% (n=157) das pontas de seta encontram-se intactas, enquanto o valor obtido no MF2 é de 40% (n=36). As restantes apresentam diferentes estados de fratura, evidente sobretudo nas respetivas extremidades; aliás, na análise realizada confirmou-se para ambos os monumentos funerários que os tipos com maiores índices de fratura são os que possuem aletas. Por consequência, as peças de base reta ou de base côncava apresentam os maiores índices de completude, respetivamente 77,8% (n=72) e 85,2% (n=27) no caso do MF1. No MF 2, a situação é semelhante.

O retoque predominante é escalariforme ou escamoso, com 261 (94,2%) e 85 (94,4%) exemplares no MF1 e no MF2, respetivamente. Em segundo plano está o retoque de morfologia paralela, com 16 (5,8%) e 5 (5,6%) exemplares no MF1 e MF2, respetivamente. Verifica-se o recurso recorrente ao retoque invasor, tanto nas peças do MF1 (n=199; 71,9%) como nas do MF2 (n=48; 54%). O retoque marginal é, ainda, a segunda categoria adotada no MF2, com 28 (31,4%) exemplares e no MF1 é a última, com 35 (12,6%). Quanto à extensão do retoque, refira-se a

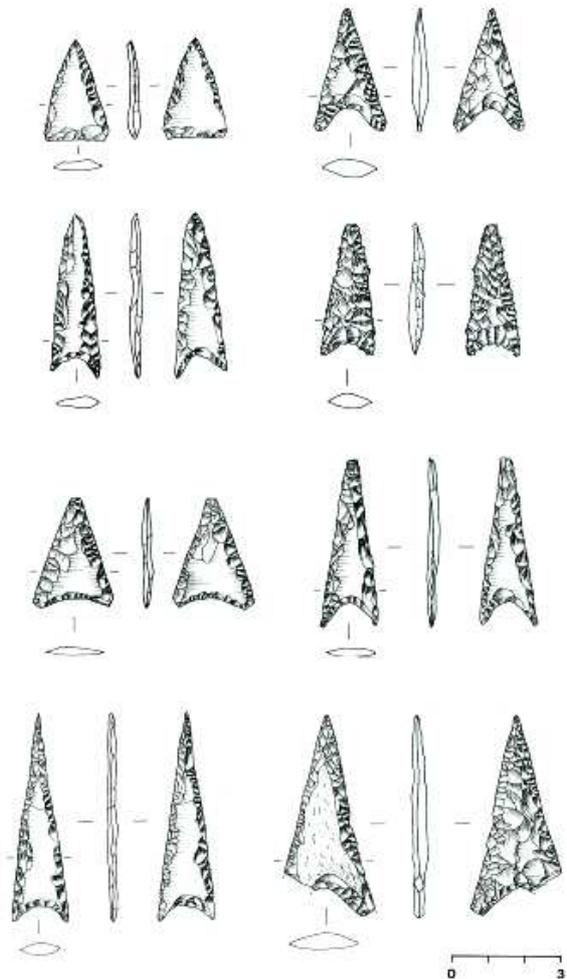


Figura 8 – Pontas de seta.

particularidade de algumas peças apresentarem esse tipo de retoque cobridor na superfície dorsal mas invasor na ventral (Figs. 8 a 11).

A questão dos bordos serrilhados nas pontas de seta é um assunto pertinente a este nível de análise, pois o que parecia ser um traço estilístico típico do espólio megalítico mais tardio de Reguengos de Monsaraz, apontado por Leisner e Leisner (1951), surge até ao momento nestes sepulcros dos Perdighões como uma técnica representada de forma marginal e sem o elevado grau de perfeição reconhecido noutros conjuntos regionais. No caso do MF1, oito pontas de seta (2,8%) apresentam bordos serrilhados e no MF2 encontram-se apenas três (3,3%). Foi possível neste estudo, no entanto, confirmar que este tipo de retoque não é um procedimento técnico exclusivo do sílex, tal como já tinha sido apontado (Carvalho, 1998), pois está presente em pontas fabricadas com matérias-primas locais (jaspe e cherte), de menor aptidão para o talhe.

Relativamente à configuração dos bordos, parece verificar-se que existiu uma opção preferencial pela configuração de bordos retos, que predominam em todos os tipos classificados em ambos os sepulcros com base na morfologia da sua base (Tabela 4). Porém, os bordos convexos demonstram uma distribuição diferente entre os dois sepulcros: no MF2 ocorrem com maior frequência em peças de base reta (n=8; 32%) enquanto no MF1 são tendencialmente adotados em pontas com base côncava e aletas (n=14; 51,9%). Os bordos sinuosos e os côncavos são mais raros no conjunto das pontas de seta, com percentagens negligenciáveis.

A classificação tipológica das pontas de seta, a que se tem vindo a fazer referência, é elementar: como se pôde constatar nos parágrafos anteriores, baseia-se na morfologia das respetivas bases e a nomenclatura utilizada inspira-se numa proposta anterior (Forenbaher, 1999). Assim, para este estudo, os tipos definidos encontram-se listados, por matéria-prima e com os respetivos quantitativos, na Tabela 4.

No caso dos tipos designados por “bases côncavas com aletas”, observou-se a presença de uma variante ao nível da assimetria geral das mesmas: ou seja, identificaram-se casos — denominados de “aletas dissimétricas” — em que as estas possuem comprimentos distintos entre si ou pode mesmo não existir uma delas (situação rara). Esta individualização deliberada na tipologia das pontas de seta decorreu do facto de se ter constatado que, do ponto de vista morfológico, aletas com diferentes comprimentos, podendo uma delas ser mesmo inexistente, se constituem uma “irregularidade” intencional por parte do artesão no que respeita à (as)simetria destas pontas de projétil.

Em termos de inventário geral, o tipo mais comum em ambos os sepulcros é, como se pode verificar na Tabela 4, o das pontas de seta com aletas simétricas. Estas representam 41,3% (n=112) no MF1 e 43% (n=37) no MF2. No entanto, enquanto no MF1 essa forma é seguida pelas pontas de base côncava (n=75; 27,7%), no MF2 são os

exemplares com base reta que surgem em segundo plano (n=18; 20,9%). Por seu turno, as formas mais raras, em ambos os monumentos, são as pontas de base convexa e, de entre estas, as que apresentam base triangular invertida.

As litologias mais utilizadas no fabrico das pontas de seta nos dois sepulcros são, respetivamente, o cherte (45% no MF1 e 49,9% no MF2) e o xisto (38,4% no MF1 e 31,4% no MF2), abarcando conseqüentemente um maior número de tipologias. Porém, uma análise mais atenta permite-nos frisar algumas particularidades:

- o sílex surge em ambos os sepulcros representado recorrentemente através dos mesmos tipos (pontas de base côncava, com ou sem aletas, ou base reta);
- o número de pontas convexas e irregulares, conquanto diminuto, surge em ambos os sepulcros confeccionadas apenas em xisto e cherte;
- o quartzo hialino tem uma utilização excecional, pois apenas surgiu um exemplar no MF1.

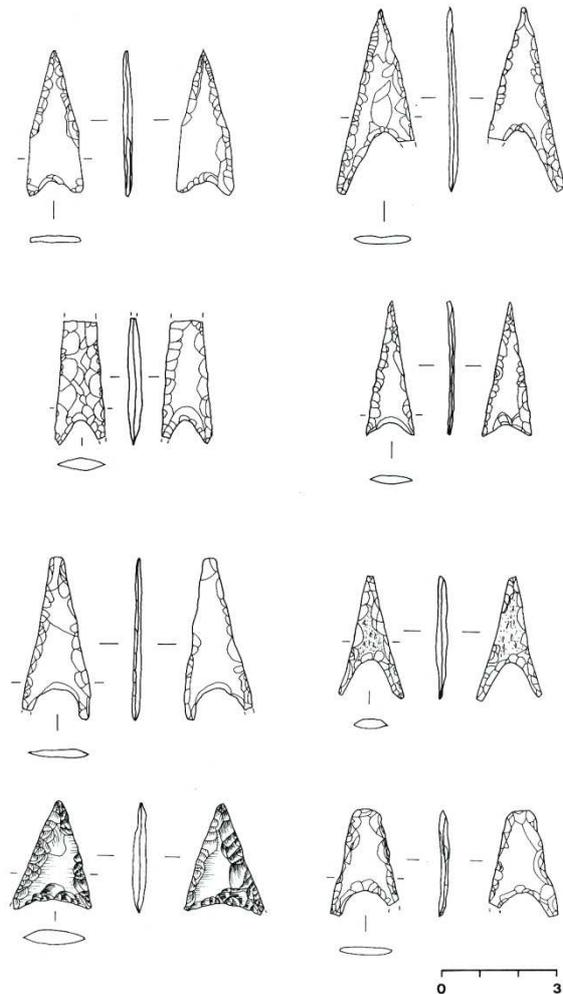


Figura 9 – Pontas de seta.

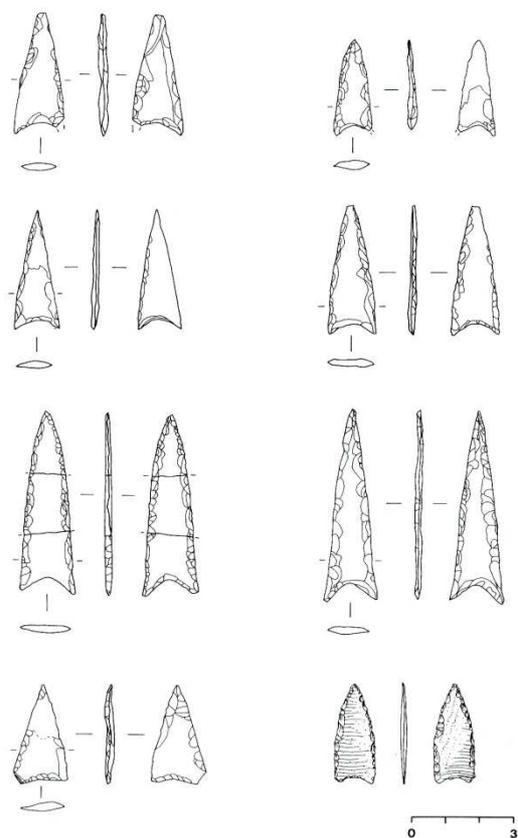


Figura 10 – Pontas de seta.

O cálculo das dimensões médias das pontas em função das litologias utilizadas forneceu os resultados que se podem observar na Tabela 5. A partir destes resultados pode inferir-se que a rocha que parece impor mais constrangimentos no fabrico das pontas de seta é o xisto, em virtude de possuir uma estrutura laminar mais frágil, o que conduziu o artesão a fabricar peças tendencialmente mais longas e mais delgadas, quando comparadas com as restantes matérias-primas. Este padrão é visível em ambos os sepulcros. Por outro lado, o conjunto de pontas de seta com maior grau de uniformidade dimensional, em ambos os monumentos, são as peças em sílex, que parecem demonstrar uma padronização métrica deliberada (mas que só a comparação com outros contextos poderá confirmar em definitivo).

A dispersão dos índices de espessura e alongamento das pontas de seta, em função das respetivas matérias-primas, onde se confirma a dedução acima apresentada e que já havia sido aventada anteriormente (Carvalho, 1998): a de que há dois grandes grupos distintos, em ambos os sepulcros: um composto sobretudo por pontas de seta em xisto cujos índices de alongamento e espessura sugerem uma elevada fragilidade que evoca uma utilização eminentemente funerária (ou seja, estas peças não teriam sido produzidas para outros fins), e outro constituído por peças que exibem maior robustez (mais curtas e espessas) e, portanto, uma presumível maior eficácia balística. Estes dados novos, mais robustos estatisticamente, vêm assim reforçar aquela dedução inicial.

3.2. As grandes peças bifaciais

As únicas grandes peças bifaciais recuperadas dos monumentos funerários dos Perdigões são provenientes de MF1, onde foram encontrados uma alabarda (proveniente da câmara do sepulcro) e duas peças foliáceas de tipo punhal ou ponta de dardo (uma recolhida no átrio e outra na câmara). O punhal ou ponta de dardo proveniente do átrio foi já objeto de análise própria, e publicação, no que respeita à sua morfologia, tecnologia e etapas de fabrico (Carvalho, 1998: 135-136; ver Fig. 12), aspetos que não serão portanto aqui repetidos.

Na análise das outras duas peças, as características dimensionais que se apresentam adiante são uma aproximação, uma vez que estavam afixadas a suportes na exposição patente no Museu do Complexo Arqueológico dos Perdigões, na Herdade do Esporão, o que dificultou o registo de algumas medidas e noutras impossibilitou mesmo a sua verificação.

Assim, a alabarda encontrada na câmara apresenta as seguintes medidas: 11,02 cm de largura mesial, 13,07 cm de largura da base, 15,02 cm de comprimento máximo (distância máxima da extremidade distal à base), e 0,69 cm de espessura. É um artefacto em sílex, de cor bege-clara, opaca, aparentando alguma qualidade para o talhe. Apresenta uma forma triangular alargada com bordos ligeiramente convexos e base arredondada. Possui entalhes semicirculares em ambos os bordos, perto da zona proximal, e apresenta uma secção transversal biconvexa, assim como

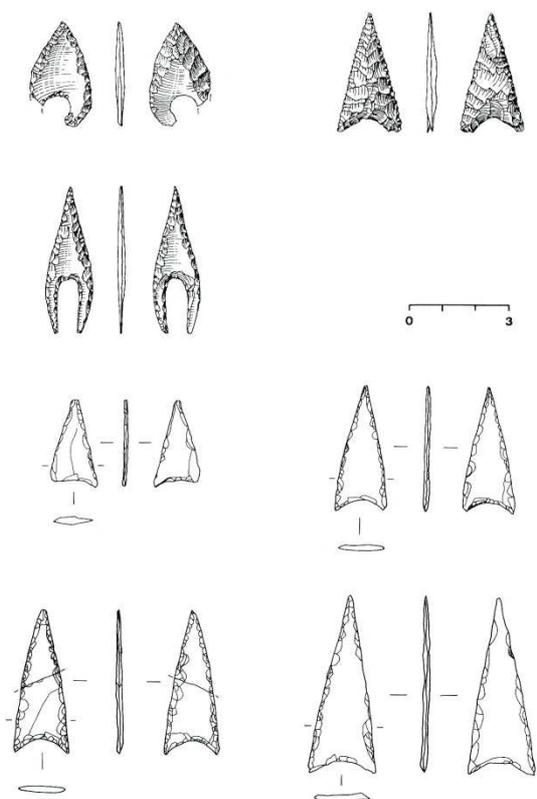


Figura 11 – Pontas de seta.

retoque cobridor. O seu suporte original é indeterminável (provavelmente uma placa ou fragmento de sílex com dimensões consideráveis). Não possui sinais de calcinação, mas subsistem dúvidas quanto à aplicação de tratamento térmico, uma vez que a peça está coberta com algumas concreções que dificultam condições de observação adequadas.

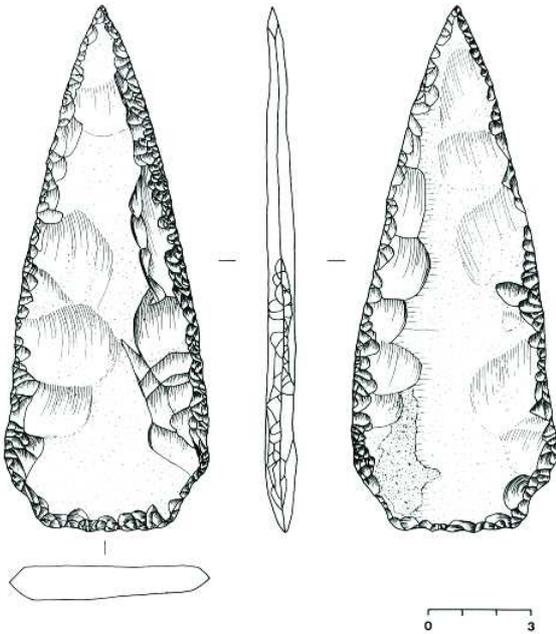


Figura 12 – Punhal ou ponta de dardo com retoque bifacial invasor.

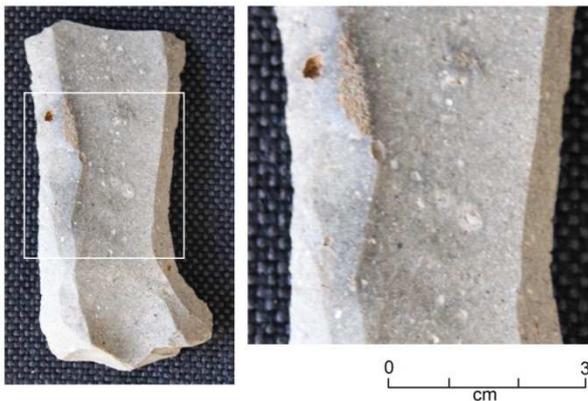


Figura 13 – Exemplo de lâmina fabricada em sílex oolítico.

O punhal ou ponta de dardo, proveniente da câmara, é um artefacto em sílex acastanhado, pouco translúcido, com inclusões beges. Trata-se da mesma rocha em que surgem elaboradas algumas lâminas e pontas de seta. Apresenta uma forma ogival alongada, com bordos convergentes na extremidade distal. A base é tendencialmente reta com

algumas irregularidades, o que torna a peça assimétrica na sua parte proximal. A seção longitudinal é reta e a transversal tem tendência biconvexa. A espessura junto à base é de 0,70 cm e na parte distal 0,26 cm. O comprimento máximo é de 12,80 cm, com uma largura de 4,29 cm, que corresponde à largura da base. Não possui os entalhes basais existentes no punhal já publicado. Não existem sinais de tratamento térmico nem marcas de calcinação visíveis a olho nu.

Estas grandes peças bifaciais não parecem evidenciar sinais de utilização, mas não foi realizada uma análise traceológica para se chegar a uma conclusão definitiva sobre este aspeto.

4. Vias de investigação futura

Os estudos já realizados anteriormente sobre a pedra lascada dos MF1 e MF2 dos Perdigões (Carvalho, 1998; Mendonça, 2012), sintetizados neste texto nos seus principais aspetos tecnológicos e tipológicos, levantam uma série de possibilidades de investigação futura. Parte dessa investigação — por exemplo, a análise da distribuição espacial intrassítio desta classe de artefactos — pode ser realizada no imediato, mas só terá um alcance verdadeiramente significativo se for levada a cabo de forma coordenada e articulada com outros elementos de cultura material, para além dos próprios restos humanos.

No momento atual da investigação, é possível retirar alguns elementos da análise feita nas secções anteriores que nos permitem, partindo da componente lítica, avançar para outros patamares analíticos e para a discussão de outras problemáticas. Assim, em primeiro lugar, destaca-se a observação de claros indícios de uma forte normalização morfométrica das produções líticas, particularmente evidente no conjunto dos produtos alongados. Este facto tem por detrás a implementação, no III milénio a.C., de complexos procedimentos técnicos no trabalho de talhe da pedra que visam obter precisamente esse elevado grau de normalização. Nos MF1 e MF2, alguns desses procedimentos foram sendo apontados à medida que decorria a sua identificação, e salientam-se os seguintes: a elevada frequência de talões hiperdriedos nas grandes lâminas (Fig. 3); o possível recurso a talhe por pressão com compressores equipados com pontas de cobre para a produção destas últimas; a sua própria normalização (tendo sido possível agrupar as lâminas em diferentes módulos padronizados); e a verificação de que os grandes bifaces (“albardas”, pontas de dardo) passaram, no seu fabrico, por complexas sequências de gestos. Estes ficaram, aliás, bem evidentes na descrição que primeiramente se fez da cadeia operatória de fabrico de um dos punhais do MF1 (Carvalho, 1998: 136) e depois de peças similares da Gruta da Furninha (Cardoso e Carvalho, 2010/11: 355, 356). Esta complexidade de procedimentos técnicos está longe de constituir novidade — para uma síntese da investigação e dos dados disponíveis, ver Carvalho (2012) e os trabalhos pioneiros de Jalhay (1947) e Ferreira (1957) — mas o seu reconhecimento não deixa de se constituir como o enquadramento empírico (isto é, as circunstâncias da sua

existência factual) e teórico (isto é, as conclusões que decorrem dessa existência) que permitem inferir outros níveis de comportamentos por parte destas sociedades.

Um desses comportamentos, que se integra simultaneamente na esfera do económico e do simbólico, é a existência de atividades produtivas líticas especializadas (desde a sua mineração) e a circulação dos produtos de tais atividades (a diversas escalas geográficas, por vezes muito alargadas). Neste caso, integra-se a circulação do material em sílex, inexistente na região, pelo menos em nódulos capazes de fornecer as peças depositadas nos sepulcros objeto de estudo neste trabalho, pelo que a sua importação pode ser dada como adquirida, seja a partir da Estremadura Portuguesa ou — talvez mais provavelmente — da Andaluzia Ocidental. Dentro deste quadro, a circulação das peças em calcário oolítico silicificado ilustra bem a escala geográfica do processo em causa. Se a sua presença nos monumentos funerários dos Perdigões se vier a confirmar através de critérios de classificação petrográfica mais objetivos que as análises macroscópicas utilizadas neste trabalho (Fig. 13), poderemos concluir que este complexo arqueológico integrava as redes de circulação desta matéria-prima no sul peninsular. Independentemente do seu modelo interpretativo geral, estas redes de circulação foram primeiramente definidas e cartografadas por Nocete et al. (2005). De acordo com estes autores, as jazidas de sílex oolítico encontram-se nas cordilheiras béticas, mas a difusão desta rocha terá atingido, sucessivamente e a partir do IV milénio a.C., um conjunto de territórios que acabarão por englobar no milénio seguinte a região de Reguengos de Monsaraz, onde terão sido identificadas lâminas nos dólmenes de Olival da Pega e Poço da Gateira (segundo os mesmos autores) e, mais recentemente, na ocupação calcolítica do Escoural, em Montemor-o-Novo (Gomes et al., 2012/13) — portanto, a mais de 400 km para Noroeste, em linha reta, a partir dos presumíveis locais de abastecimento. Para além deste aspeto, os referidos autores referem ainda que “at the start of the third millennium B.C., the presence of silicified oolithic limestone blades in the settlements of the Guadalquivir Valley underwent profound changes. [...] These were large blades, measuring more than 40 cm lengthwise, whose width/thickness relationship (of 2.5 to 3 cm by 0.65 to 1.3 cm) suggests that their manufacture, with strong longitudinal resistance, was oriented toward the seizure of artefacts” (Nocete et al., 2005: 69-70). Em suma, trata-se de transformações de ordem tecnomorfológica que coincidem com a informação colhida noutras componentes funerárias dos MF1 e MF2 dos Perdigões, e de escalas geográficas equiparáveis às que permitiram a importação de parte dos outros bens exógenos encontrados em associação nestes sepulcros (Valera, s.d.).

Um aspeto à primeira vista desligado dos estudos líticos é o facto de, tanto o MF1 como o MF2, serem sepulcros destinados a deposições secundárias. No entanto, foram verificadas diferenças quanto aos rituais e às práticas funerárias levadas a cabo nos seus diferentes espaços (átrios, corredores, câmaras), conformando-se assim um tópico de estudo para o qual a pedra lascada poderá contribuir em estudos futuros. Com efeito, uma vez que se

verificaram também diferenças quanto à distribuição destes artefactos em função dos diferentes espaços internos dos sepulcros (Mendonça, 2012), a articulação da sua distribuição espacial com a de outros tipos de vestígios pode conduzir a ilações de outro nível interpretativo. E, de facto, se se levar em linha de conta as práticas de manipulação dos restos humanos que se tem vindo a descortinar terem tido lugar num conjunto alargado e formalmente diversificado de contextos dos Perdigões, sobretudo estruturas negativas — fossas com deposições primárias, fossos com deposições intencionais de elementos esqueléticos, e sepulcros com depósitos funerários primários e secundários — o padrão obtido sugere fortemente a exumação, transporte e redeposição de restos humanos (neste caso, apenas porções ou segmentos dos esqueletos originais) nesses vários espaços. Outros elementos indissociáveis ontologicamente dos restos humanos, tais como restos faunísticos ou artefactos, teriam sido também objeto dos mesmos gestos e práticas (Valera e Godinho, 2009; Valera et al., 2014). Neste contexto, algumas observações realizadas sobre a pedra lascada do MF1 e MF2 sugerem igualmente a sua participação ativa em tais práticas: é o caso dos modos de fragmentação das lâminas de sílex, que evocam uma segmentação intencional das mesmas. Uma abordagem explícita a esta questão — como já foi, aliás, realizada a propósito dos restos faunísticos (Valera e Costa, 2013) — permitiria esclarecer se assim é de facto, e eventualmente explicar a questão em aberto acerca das alterações superficiais observadas nestas peças (que, note-se, não se verifica nas pontas de seta): dever-se-iam à sua exposição a meteorização ou a outros elementos, quando depositadas num primeiro momento noutros locais? Uma vantagem existe à partida nesta via de análise aplicada a artefactos líticos: qualquer proposta de remontagem entre partes de uma mesma lâmina de sílex é claramente mais objetiva do que entre restos osteológicos...

Nota final

A maioria das estampas de artefactos líticos apresentados neste trabalho encontrava-se inédita, tendo sido desenhadas por Maria Fernanda Sousa para a empresa Era-Arqueologia Lda.; apenas uma pequena parte havia sido publicada no primeiro trabalho de fundo sobre o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Lago et al., 1998: figs. 24, 26, 28 e 29).

Bibliografia

- ALMEIDA, F. (1998), “A pedra lascada das camadas 26 e 52 (Sector 3): uma primeira análise dos padrões tecnológicos e tipológicos”, Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.C.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A.F., *Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 120-128.
- CARDOSO, J.L.; CARVALHO, A.F. (2010/11), “A Gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 333-392.
- CARVALHO, A.F. (1998), “A pedra lascada do Monumento Funerário 1: análise dos materiais recolhidos”, Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.C.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A.F., *Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos*

- trabalhos arqueológicos realizados em 1997, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 129-137.
- CARVALHO, A.F. (2012), “Do Neolítico à Idade do Bronze, Gibaja, J.F.; Carvalho, A.F., (eds), *Introdução ao estudo da pedra lascada*, Lisboa, Colibri (Manuais Universitários do IAP; 1), p. 91-106.
- FERREIRA, O.V. (1957), “Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal”, *Revista de Guimarães*, LXVII: 1-2, p. 185-191.
- FORENBAHER, S. (1999), *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*, Oxford: Archaeopress (British Archaeological Reports - International Series; 756).
- GOMES, M.V.; NINITAS, J.; BORRALHO, R. (2012/13), “Artefactos líticos do povoado calcolítico do Escoural (Montemor-o-Novo)”, *Almansor*, 2º Série, 10, p. 5-60.
- JALHAY, E. (1947), “A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal, *Brotéria*, XLIV, p. 36-56.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.C.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A.F. (1998), “Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, p. 45-152.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951), *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz, Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.
- MENDONÇA, M. (2012), *Os monumentos funerários 1 e 2 do complexo dos Perdígões: estudo do espólio funerário em pedra lascada*, Faro, Universidade do Algarve (Dissertação de Mestrado; policopiada).
- NOCETE, F.; SÁEZ, R.; NIETO, J.M.; CRUZ-AUÑÓN, R.; CABRERO, R.; ALEX, E.; BAYONA, M.R. (2005), “Circulation of silicified oolithic limestone blades in South Iberia (Spain and Portugal) during the third millennium B.C.: an expression of a core / periphery framework, *Journal of Anthropological Archaeology*, 24:1, p. 62-81.
- ODRIOZOLA, C.P.; LINARES-CATELA, J.A.; HURTADO, V. (2010), “Variscite source and source analysis: testing assumptions at Pico Centeno (Encinasola, Spain)”, *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 3146-3157.
- PELEGRIN, J. (2006), “Long blade technology in the Old World: an experimental approach and some archaeological results”, Apel, J.; Knutsson, K. (eds.), *Skilled production and social reproduction. Aspects of traditional stone tool technologies*, Uppsala: Uppsala University (Stone Studies; 2), p. 37-68.
- PELEGRIN, J.; MORGADO, A. (2007), “Primeras experimentaciones sobre la producción laminar del Neolítico reciente - Edad del Cobre del sur de la Península Ibérica”, Ramos, M.L.; González, J.E.; Baena, J., (eds.), *Arqueología experimental en la Península Ibérica. Investigación, didáctica y patrimonio*, Santander, Asociación Española de Arqueología Experimental, p. 131-139.
- VALERA, A.C. (s.d.), “The “exogenous” at Perdígões. Approaching interaction in the late 4th and 3rd millennium BC in Southwest Iberia”. *Proceedings of the Meeting Resource Cultures (June 2015)*, Alcalá de Henares/Madrid, no prelo.
- VALERA, A.C.; COSTA, C. (2013), “Animal limbs in funerary contexts in southern Portugal and the question of segmentation, *Anthropozoologica*, 48:2, p. 263-275.
- VALERA, A.C.; GODINHO, R. (2009), “A gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas”, Cardoso, J.L., (dir.), *Volume comemorativo do XX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, 1988-2008*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 17), p. 371-388.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; DIAS, I.; PRUDÊNCIO, I. (2007), “Investigação no complexo arqueológico dos Perdígões: ponto da situação de dados e problemas”, *IV Congresso de Arqueologia Peninsular. A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 8), p. 53-66.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L.S. (2000), “Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo”, *Era-Arqueologia*, 2, p. 84-105.
- VALERA, A.C.; SCHUHMACHER, T.X.; BANERJEE, A. (2015), “Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdígões (South Portugal): the social role of an exotic raw material”, *World Archaeology*, 47:3, p. 390-413.
- VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014), “Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal)”, Valera, A.C.,(ed.), *Recent Prehistoric enclosures and funerary practices in Europe*, Oxford, Archaeopress (British Archaeological Reports - International Series; 2676), p. 37-57.

Tabela 1 - Inventário geral de artefactos, por matéria-prima e monumento funerário (MF).

	Sílex	Sílex oolítico	Rocha alterada	Cherte (¹)	Anfibolito	Diorito	Jaspe	Quartzo hialino	Xisto	Total
MF1										
Lâminas	41	11	14	8	2	2	1	-	-	79
Lamelas	-	-	-	-	-	-	-	7	-	7
Pontas de seta	22	-	-	126	-	-	24	1	112	285
Bífaces (²)	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Total	66	11	14	134	2	2	25	8	112	374
MF2										
Lâminas	3	5	1	2	-	-	-	-	-	11
Lamelas	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Pontas de seta	7	-	-	49	-	-	9	-	28	93
Total	10	5	1	51	-	-	9	1	28	105
Total geral	76	16	15	185	2	2	34	9	140	479

(¹) Por vezes designado na literatura arqueológica por “xisto jaspoide”.

(²) Uma “alabarda” e duas pontas de lança ou de dardo.

Tabela 2 - Dimensões das lâminas e lamelas, por monumento funerário (MF) (¹).

		Lâminas					Lamelas				
		média e desvio-padrão	mediana	min.	max.	N	média e desvio-padrão	mediana	min.	max.	N
MF1	C	14,89 ± 4,40	14,54	6,16	25,5	20	2,05 ± 0,60	2,03	1,12	2,76	7
	L	2,35 ± 0,53	2,34	1,26	3,95	76	0,53 ± 0,11	0,52	0,38	0,68	7
	E	0,68 ± 0,19	0,65	0,33	1,14	77	0,13 ± 0,04	0,12	0,09	0,23	7
MF2	C	-	-	-	-	1(²)	-	-	-	-	-
	L	2,72 ± 1,02	2,52	1,47	5,24	11	-	-	-	-	1(³)
	E	0,72 ± 0,25	0,68	0,35	1,25	11	-	-	-	-	-

(¹) Medidas em cm. C - comprimento; L - largura; E - espessura.

(²) A única lâmina inteira possui um comprimento de 20,08 cm.

(³) A única lamela registada apresenta 0,78 cm × 0,13 cm, de largura e espessura.

Tabela 3 - Tipos de talão das lâminas e lamelas, por monumento funerário (MF).

		Facetado	Hiperdiedro	Linear	Liso	Diedro	Cortical	Remoção total	Remoção parcial	Esmagado
MF1	Lâminas	9 (22,5%)	8 (20%)	3 (7,5%)	3 (7,5%)	3 (7,5%)	1 (2,5%)	3 (7,5%)	1 (2,5%)	2 (5%)
	Lamelas	4 (10%)	-	1 (2,5%)	1 (2,5%)	-	-	1 (2,5%)	-	-
	Total	13 (32,5%)	8 (20%)	4 (10%)	4 (10%)	3 (7,5%)	1 (2,5%)	4 (10%)	1 (2,5%)	2 (5%)
MF2	Lâminas	-	2 (16,7%)	1 (8,4%)	-	-	-	-	1 (8,4%)	-
	Lamelas	1 (8,4%)	-	-	-	-	-	-	-	-
	Total	1 (8,4%)	2 (16,7%)	1 (8,4%)	-	-	-	-	1 (8,4%)	-

Tabela 4 - Tipologia das pontas de seta, por matéria-prima e monumento funerário (MF) ⁽¹⁾.

	Sílex	Jaspe	Cherte	Xisto	Quartzo hialino	Total
MF1						
Côncava (°)	10 (3,7%)	5 (1,8%)	28 (10,3%)	31 (11,4%)	1 (0,4%)	75 (27,7%)
Côncava com aletas (°)	10 (3,7%)	10 (3,7%)	54 (19,9%)	38 (14%)	-	112 (41,3%)
Côncava com aletas dissimétricas	-	1 (0,4%)	15 (5,5%)	23 (8,5%)	-	39 (14,4%)
Reta	2 (0,7%)	4 (1,5%)	17 (6,3%)	4 (1,5%)	-	27 (10%)
Triangular com aletas	-	2 (0,7%)	2 (0,7%)	3 (1,1%)	-	7 (2,6%)
Triangular invertida	-	-	-	2 (0,7%)	-	2 (0,7%)
Convexa	-	-	4 (1,5%)	-	-	4 (1,5%)
Irregular	-	-	2 (0,7%)	3 (1,1%)	-	5 (1,8%)
Total MF1	22 (8,1%)	22 (8,1%)	122 (45%)	104 (38,4%)	1 (0,4%)	271
MF2						
Côncava (°)	2 (2,3%)	-	5 (5,8%)	1 (1,2%)	-	8 (9,3%)
Côncava com aletas (°)	2 (2,3%)	4 (4,6%)	14 (16,3%)	17 (19,7%)	-	37 (43%)
Côncava com aletas dissimétricas	1 (1,2%)	2 (2,3%)	4 (4,6%)	2 (2,3%)	-	9 (10,5%)
Reta	2 (2,3%)	2 (2,3%)	11 (12,8%)	3 (3,5%)	-	18 (20,9%)
Triangular com aletas	-	1 (1,2%)	6 (6,9%)	-	-	7 (8,1%)
Convexa	-	-	2 (2,3%)	3 (3,5%)	-	5 (5,8%)
Irregular	-	-	1 (1,2%)	1 (1,2%)	-	2 (2,3%)
Total MF2	7 (8,1%)	9 (10,4%)	43 (49,9%)	27 (31,4%)	-	86
Total geral	28	31	165	111	1	357

(¹) Estão excluídas peças do MF1 e do MF2 (16 e sete, respectivamente) por não preservarem a extremidade basal. As pontas de seta “côncavas com aletas” e as “côncavas” incluem, respectivamente, pontas de “tipo Alcalar” e de “tipo Torre Eiffel”.

Tabela 5 - Dimensões das pontas de seta, por matéria-prima e monumento funerário (MF).

	Xisto	Cherte	Sílex	Jaspe
MF1				
Comprimento:				
<i>média e desvio-padrão</i>	4,42 ± 1,63	3,75 ± 1,44	3,03 ± 0,67	3,65 ± 0,89
<i>mediana</i>	3,89	3,48	2,87	3,58
<i>erro padrão</i>	0,34	0,25	0,25	0,29
Largura:				
<i>média e desvio-padrão</i>	1,69 ± 0,32	1,76 ± 0,38	1,60 ± 0,18	2,14 ± 0,57
<i>mediana</i>	1,60	1,74	1,59	2,07
<i>erro padrão</i>	0,06	0,06	0,07	0,18
Espessura:				
<i>média e desvio-padrão</i>	0,18 ± 0,07	0,28 ± 0,07	0,30 ± 0,09	0,35 ± 0,11
<i>mediana</i>	0,19	0,26	0,30	0,32
<i>erro padrão</i>	0,01	0,01	0,03	0,03
MF2				
Comprimento:				
<i>média e desvio-padrão</i>	3,91 ± 0,81	3,67 ± 0,88	3,01 ± 0,55	3,39 ± 0,72
<i>mediana</i>	3,87	3,52	3,17	3,20
<i>erro padrão</i>	0,08	0,09	0,11	0,16
Largura:				
<i>média e desvio-padrão</i>	1,60 ± 0,33	1,75 ± 0,41	1,66 ± 0,24	1,87 ± 0,42
<i>mediana</i>	1,57	1,71	1,69	1,87
<i>erro padrão</i>	0,03	0,04	0,05	0,09
Espessura:				
<i>média e desvio-padrão</i>	0,20 ± 0,06	0,28 ± 0,08	0,29 ± 0,08	0,32 ± 0,11
<i>mediana</i>	0,20	0,27	0,27	0,34
<i>erro padrão</i>	0,01	0,01	0,01	0,02

(¹) O quartzo hialino não está representado por existir apenas uma peça fraturada.